

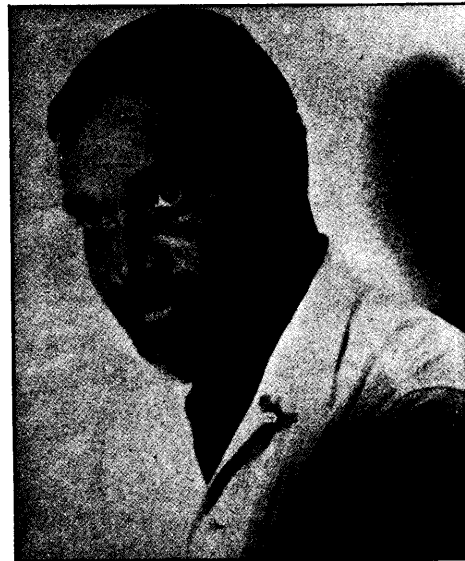
# JOSÉ CRAVEIRINHA:

## A poesia, a raça e o evoluir de uma visão

POR DANIEL DA COSTA

A mensagem da poesia é uma mensagem múltipla, geradora sempre de novos significados. E quanto maior for a dimensão dessa poesia, maior será a sua capacidade de produção de novos significados. Este é o caso da obra de José Craveirinha, sempre viva, sempre nova, sempre lida e relida, interpretada e reinterpretada — e dessa verdade são testemunhos os vários trabalhos que lhe são dedicados. Depois de tudo o que se disse há ainda muito que dizer e por isso nunca é demais falar deste poeta.

Interpretações transbordantes do cariz rático da vasta obra do poeta José Craveirinha poderiam, talvez, ser melhor conseguidas, mas face à natureza do tema ora abordado, foram de evitar possíveis asserções levianas e juízos inconsistentes sobre a obra de um escritor cujo va-



lor, dia-a-dia, mais se reconhece, numa projecção que pretende transcender a continental. Por isso, este ensaio é, também, uma forma de prestar culto a um dos maiores poetas desta terra e oferecer ao seu leitor mais uma perspectiva de leitura da sua vasta obra. Não se trata, isso não, de uma abordagem psicanalítica rebuscada nem de uma refinadíssima pesquisa a fim de se detectar o eco do mais ténue indício de um foco problemático existencial. Trata-se, sim, de um modesto ensaio que se pretende coerente e poderosamente vincado nos resultados de uma realidade conjuntural sob a qual o poeta se teria dado a esses rasgos literários, facultando, assim, à sua obra os elementos que, nesta perspectiva de análise, se nos afloram valiosos e recheados de traços que espelham a evolução da sua visão rática.

Se se tecer uma nota contrastiva entre o luso-tropicalismo de Gilberto Freire e a negritude de Senghor, Dumas ou Cesaire, ou até de Diop, a simbiose cultural salientar-se-á como um dos mais significativos pontos de contacto entre as duas correntes, mesmo se a elas não acrescentarmos o movimento neonegro estado-unidense dos anos 20. Ora, tal traço, comum às referidas correntes, transposto para a realidade, dentre outras formas de manifestação ao nível sociológico nalgumas comunidades negras africanas, resultou, com o decurso da história colonial, a existência de um indivíduo híbrido que, aliás, Michel Leiris também o considerou, sob o ponto de vista antropológico, não menos ligado, pela sua hereditariedade, ao branco do que ao negro. Todavia, a essa verdade inegável, a esse facto comprovadamente científico, só tinha acesso, em tempos, um círculo muito restrito de indivíduos, detentores do saber, da ciência e do poder político, perpetuando-se, assim, na sabedoria do vulgo a encarnação de falsos valores e conceitos negativos acerca do «mulato», rótulo esse de igual modo atribuído ao supracitado híbrido.

Certos testemunhos permitiram a alguns críticos (1) de literatura afirmar que um Dumas ou um Pushkin transportavam nas suas veias uma certa dose de sangue negro. As suas obras literárias, porém, não concretizam a hipótese de uma manifestação do conflito rácico, o que se explicaria não só pela sua aparência física caucasóide como também pelas condições sociológicas da sua produção literária. Entretanto, a conjuntura social em que se inscreve a produção poética de José Craveirinha difere em inúmeros aspectos das dos mencionados escritores de outras terras e épocas, com a agravante de o seu sangue negro se ter revestido de uma inocultável expressão epidérmica. Assim se constata, portanto, que as realizações artísticas de punho mestiço se têm transformado, por vezes, num veículo portador de um conflito rácico que, num dado estado de espírito, o escritor José Craveirinha fez aflorar, a sucessivos clarões, ao longo da sua vasta obra poética.

Comecemos por onde, relaxando a sua tensão psicológica imbuída de conflitos interiores e vendo num elemento fora de si algo com que se identifica, o poeta, versejando motivos melancólicos, eleva um retinir de lamentos associado a um sentir condoído:

(...) Olhos cerrados suavemente  
boneca Detinha dos seus pais  
adormeceu de tétano para sempre  
mãozinhas postas sobre o peito  
um vestido de renda branca  
mais um anjo nosso que partiu  
no adeus silencioso de boneca  
verdadeira num fúnebre berço branco  
nossa Detinha tão pura na Munhuana  
que até ainda não sabia que era mulata(...)

É deste modo que, adiante, num clamor alicerçado de angústia, o poeta espraia os seus versos em forma de dolorosa súplica de identidade para os seus semelhantes e contemporâneos:

(...) E ainda não temos um talhão de céu azul  
[para todos  
e novamente uma África para amar à nossa  
[imagem  
num anjo verdadeiro anjo também da cor da  
[nossa pele  
e da mesma carne mártir de feitiços estranhos  
e o nosso sangue vermelho vermelho quente  
como o sangue vermelho de toda a gente.(...)

Essa vibração dos seus versos tinha na origem o facto de ainda existirem condições sociais, culturais, políticas e económicas, às quaisurgia a denúncia como, aliás o poeta o soube fazer, com tamanha subtileza nos derradeiros versos deste longo poema que é «Um Céu sem Anjos de África». (2)

(...) e brinquedos de trapos não se misturam  
[na Munhuana  
com bonecas loiras de sapatos e tudo  
porque os pais arianos rezando nas catedrais  
não deixam, Senhor!

Assim como no caso anterior, a questão mestiça vê também a sua realização num outro elemento externo ao enunciador do poema. É deste modo que na obra de Craveirinha se começa a elevar o que virá a constituir o contraponto da imagem inicialmente oferecida por Detinha. Os contornos desse ainda inconsistente esboço estão em «Ode à Teresinha» cujo receptor é «uma mulher de boca lúbrica, olhos munhuanenses e de amulados cabelos que por cima das tranças usa a boina branca de um marinheiro enjoado nos sete mares de uma garrafa».

Uma profética voz procede, em potência, ao reenvio da mulata às suas verdadeiras raízes, dizendo:

(...) Sim, Teresinha  
tu menina encartada de mulher da vida aos treze  
[anos  
engatada a assobios «tsuí-tsuíuuu» na rua  
histórica e relaxada putéfia dizem os choferes  
impura e bebedanas da ponta dos dedos aos  
[pulmões  
mas fértil como o leite dos mamilos deste Sol  
adubo infantil nas machambas dos bares da  
[Rua Araújo  
e ao romântico xipefo da Lua nos zínco da  
[Munhuana  
tu reinventando as maldições terríveis dos  
[xipócues  
vem comigo Teresinha, vem comigo  
e drogada ou desdrogada  
reabita a Mafala! (3)

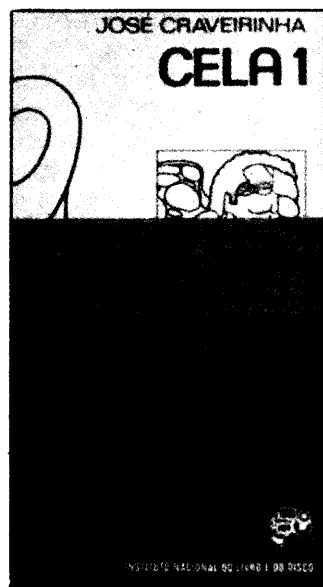
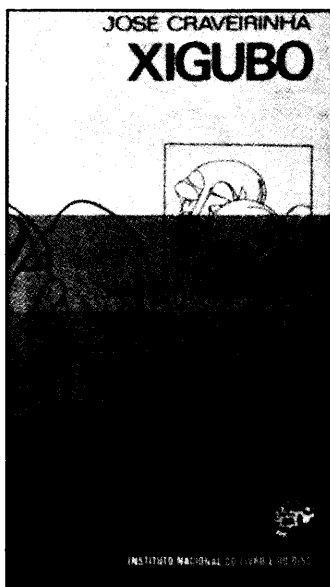
Os traços da prostituta, essa emblemática figura da poesia de Craveirinha, quando sublinhados, vêm a constituir o já aludido contraponto da imagem inicialmente oferecida por De-

tinha. Despindo-se então de sentimentalismos e cobrindo-se de frieza, eis os versos em que o poeta desbrava o íntimo da «Mulata Margarida» (4) ao retratar o seu universo:

Eu tenho uma lírica poesia  
nos cinquenta escudos do meu ordenado  
que me dão quinze minutos de sinceridade  
na cama da mulata que abortou  
e pagou à parteira  
com o relógio suíço do marinheiro inglês.

Mulata Margarida  
da carreira do machimbombo treze  
de cabelo desfrisado com ferro e brilhantina  
fio de ouro com medalha de um misericordioso  
Deus Nosso Senhor do patrão  
e tu Joaquim chofer do táxi castanho  
sabem que eu sou bom freguês  
três dias apenas depois do fim do mês.

E corpo moreno de mulata Margarida  
é vestido de nailon que senhor da cantina pagou  
é quinhenta de chá  
arroz e molho de amendoim



de Zeca Macubana que herdou olhos azuis  
das românticas noites  
de jazz  
nos bares da Rua Araújo  
enquanto a cinta elástica suspende  
o ovário descaído

E eu pensei poesia  
quando levo comigo a pureza  
da mulata Margarida  
na sua décima quinta blenorragia

Entretanto, o discurso penetrante com que  
o poeta descreve os encardidos cenários onde se  
desenrola a degradação dessas criaturas entre  
duas raças atinge um delírio vibrante ao ser  
enunciado através de modalidades individuali-  
zantes cujos cercos em torno do poeta se aper-  
tam, mais forte se fazendo sentir o transe emo-  
cional, arrasador de modelos éticos e estéticos,

que, talvez, terão permitido a Tristan Tzara considerar José Craveirinha «um verdadeiro surrealista». (5)

Ora, num segundo plano, quando o poeta, intimista, transporta para dentro de si a actualização do conflito rácico, vislumbra-se na eferescência dos seus versos a aguda problemática existencial do mestiço. Portanto, o dilema existencial que atormentava a sua «cabeça de mulatinho», esgueirando-se pela sua lírica manifestação poética, assim nos foi confessada:

(...) eu mais um novo moçambicano  
semiclaro para não ser igual a um branco  
[qualquer  
e seminegro para jamais renegar  
um glóbulo que seja dos Zambeses do meu  
[sangue.(...)]

Atingido angustiosamente por esta ambivalência existencial, o poeta faz brotar do mais íntimo do seu «ronga-ibérico mas afro-puro coração» singelas linhas que delineiam uma invocação saudosa à entidade paterna, esse ser que lhe legou «ibéricas heranças de fados e broas»:

(...) Pai:  
Ainda me lembro do teu olhar  
e mais humano o tenho agora na lucidez da  
[saúde  
ou teus versos de improviso em loas à vida  
[escuto  
e também lágrimas na demência dos silêncios  
em tuas pálpebras revejo nitidamente  
eu Buck Jones no vaivém dos teus joelhos  
dez anos de alma nos joelhos cheios da tua  
[figura

na dimensão desmedida do meu amor por ti  
meu belo algarvio bem moçambicano!  
E choro-te  
chorando-me mais agora que te conheço  
a ti, meu Pai, vinte e sete anos e três meses  
[depois  
dos carros na lenta procissão do nosso funeral  
mas só Tu no caixão de funcionário aposentado  
nos limites da vida

e na íris do meu olhar o teu lívido rosto  
ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus  
e na minha cabeça de mulatinho os últimos  
afagos da tua mão trémula mas decidida sinto  
naquele dia de visitas na enfermaria do hospital  
[central.

E revejo os teus longos desejos no dirlim-dirlim  
[da guitarra  
ou o arco da bondade deslizando no violino da  
[tua aguda tristeza(...)] (6)

Ora, esta invocação do Pai morto, prene de traços auto-biográficos, não é, mesmo assim, a solução para o conflito do momento. Como já houve quem tivesse dito, «o poeta José Craveirinha martelou os seus versos de ritmo e manteve uma tensão perturbada pela dor e pelo sofrimento», obrigando-o, acrescente-se, a contemporizar a sartriana asserção de que a vida é, de facto, uma questão de opção. O mestiço, entre dois mundos, aconchega-se ao negro.

Optada a africanidade na expressão do ventre materno, mais pelas condições histórico-sociais do que por uma situação edipiana, Craveirinha dá os seus passos nesse novo reino, muito caracterizado ainda por um tactear com um quê de hesitação. Nota-se, porém, com uma certa facilidade, que os versos do poeta não estavam ainda suficientemente distanciados do conflituoso mundo mestiço que antes os envolvia. Por conseguinte, aproximam-se, de certo modo, da ideia de Michel Leiris (7) que admite se homens existem que podem ser reconhecidos como brancos negros ou amarelos, outros há cuja ascendência mista não permite que sejam devidamente classificados. Assim José Craveirinha, na esteira dessas ideias que sustentam uma espécie de «especificidade» do mestiço, escreve num dos seus artigos sobre o tema, no Brado Africano, (8) esta observação: «(...) O complexo de inferioridade (...) não existe na multiplicidade de sentimentos que ainda estruturam a mentalidade do indivíduo híbrido (...) Ele procura acomodar-se às circunstâncias sem promover atritos. Não é cobarde. É sensível,



nervoso e viril, sempre que o pundonor o exige. Guarda as injustiças sem rancor, mas com memória admirável, fazendo delas símbolos (...). Reconhecendo embora a sua aproximação ao negro, e até mesmo identificação, o poeta José Craveirinha parece ter produzido o poema «Latitudes Zero» (9) assente numa estrutura psíquica que define uma certa distinção entre negros e mulatos. Eis dois excertos do referido poema cujos versos finais ilustram esta última hipótese.

(...) E no sítio da tua sepultura, Mãe  
debaixo das mafurreiras de frutos de ouro  
onde a bebida fermentava a missa de cocuana  
[Matsinhe

pesam os muros de cimento  
que o senhor das terras levantou  
ao abrigo da lei da concessão de terrenos vagos  
onde não existe ninguém  
e só vivem negros  
mulatinhos e negras (...)

Afinal de contas, a dita distinção entre

negros e mulatos não passa da coloração da pele, uma vez que a despersonalização de que um é vítima não deixa de afectar com a mesma dose de intensidade o outro. Por isso, neste segundo excerto, o poeta diz:

(... )E hoje que a nossa casa de paredes de  
[caniço

e os trinta e cinco pés de mandioca  
foram esmagados pelas lagartas de aço  
do monstro Caterpillar do senhor concessionário  
o secular desespero  
planta milho que não nasce  
e mapira que não cresce mas dói  
na latitude zero do talhão de pedras  
da reserva indígena onde moram blasfemos  
nós os negros, os mulatinhos  
e as negras.

A partir de uma certa altura, unido ao negro pelo destino, banhando-se nas mesmas águas de sofrimento, o poeta apropria-se dos motivos africanos e estira-se nas voluptuosas ondas do reino de África, vibrando e delirando numa rica expressão negritudiana, não ignorando, porém, a dura exploração de que era vítima, desde o aparecimento do sistema colonial. Fazendo viver e reviver as figuras do seu meio, ao dissecar a árvore genealógica do seu ventre materno, descobre que «a avó Fanisse nasceu nos seus mulatos e viveu chicomo na velhice». Assim irrompe, portanto, este impetuoso caudal de expressividade fulminando os frágeis valores mestiços com o vigoroso assumir de uma autenticidade negra, plenamente conseguida em «Manifesto» (10) onde o poeta se exprime aproximando-se em muitos pontos da negritude, mas transcendendo-a ao abordar em moldes estilísticos característicos a condenável situação colonial. Exclama ele:

(...) Oh! E meus belos dentes brancos de  
[marfim espolhados  
puros na minha alma negra reincarnada face

[altiva  
e no ventre maternal dos campos da nossa  
[indisfrutada colheita de milho  
o cálido encantamento selvagem da minha pele  
[tropical

Eu insubordinada árvore da Munhuana  
Eu tocador de presságios nas teclas das  
[timbilas chopes

Eu caçador de leopardos traiçoeiros  
Eu xigui no batuque.  
E nas fronteiras de água do Rovuma ao  
[Incomáti

Eu-cidadão dos espíritos das luas  
carregadas de anátemas de Moçambique.

Exaltando ao longo do poema as matizes culturais de natureza africana e enaltecendo em moldes metonímicos a raça das gentes da terra, a poesia de Craveirinha projecta nestes derradeiros versos a grande novidade na literatura poética nacional — o conceito de Nação, como aliás já o tinham detectado críticos como Rui Baltazar e Fátima Mendonça (11) ao reconhecerem as suas linhas de fronteira territorial.

Esse novo traço apresenta-se-nos importante, pois, assumindo-o, o poeta transcende o simples culto da negritude, fazendo, portanto, menções a uma sociedade ecumênica já referida em «Maria Sende» (12) cuja estrofe final assim nos diz:

(...) E nós, Maria Sende  
homem e mulher na manhã das origens  
juntos na espiral de um sonho  
preto-e-branco  
sem raças!

Depois de ser o mulato entre dois mundos, o exímio cultor da negritude, o sonhador de uma sociedade sem raças, o poeta, como meio de alcançar o seu ideal modus vivendi, chega a atingir os domínios do simbólico ao infiltrar-se numa raça diferente da caucasóide, negróide, mongolóide e pele-vermelha. A que raça pertencerá então o poeta? Em «Tempo de Ruskas» (13), assim nos responde:

(...) Sou daquela raça  
dos revolucionários mais perfeitos.  
A raça dos homens ao natural  
que amam o amor sem as mil  
fictícias boas maneiras

burguesas

Raça

dos revolucionários mais puros  
no amor à beleza feminina  
na adoração pelas crianças  
no respeito pela velhice  
no ódio à mendicidade.

Raça de revolucionários cheios de defeitos  
e apenas uma pequeníssima qualidade:  
Mesmo inseridos em molduras de alvenaria  
com uma força de segurança no exterior  
Não compramos o Amor  
e não nos vendemos!

Portanto, as considerações que se podem tecer sobre a evolução da maneira de encarar o conceito de raça na obra de José Craveirinha resumir-se-iam nos pontos que a seguir se apresentam.

Como ponto de partida, a poesia do referido escritor articula a problemática mulata cujo palco de realização distingue dois planos: o mundo interior do enunciador do poema e os elementos a si externos. Os elementos mulatos que não coincidem com o enunciador do texto, condicionados pela sua situação económica, apresentam geralmente uma associação com a prostituição cuja encarnação é ilustrada pela emblemática figura da prostituta, no caso de não ocorrer uma associação ao sentimento de com-

paixão do elemento infantil. Ora, mais perceptível se nos apresenta o conflito rácico na obra quando a sua actualização tem como palco, não os elementos externos, mas, sim, a esfera interior do referido sujeito. É, assim, depois de atingir um valor crítico, a eferescência do conflito vai-se abrandando com as invocações ao vulto paterno, enquanto, em simultâneo, o enunciador se aconchega ao ventre materno africano para, de seguida, se apropriar da sua realidade, afirmando-se, então, autenticamente, negro. Continuando nesta segunda perspectiva, em função do enunciador do texto poético, constata-se que a poesia de Craveirinha ultrapassa o culto da negritude ao exaltar valores universais, tendo como pretensão a edificação de uma sociedade ecumênica à qual só teria acesso se se integrasse, o que, aliás, chegou a fazer, numa raça simbólica, veiculadora de uma inabalável convicção ideológica.

Se assim foi caracterizada a evolução da visão rácica na vasta obra desse representativo escritor, por que não recordar o conflituoso momento de intenso lirismo em que o poeta, atingindo até as raias do patético, ainda se interrogava:

(...) Ah, mulato, nascer é bom?  
É bom nascer, mulato? (14)

#### NOTAS:

- (1) Willfred Feuser, «aspectos da literatura do mundo negro».
- (2) «Um céu sem anjos de Africa» (1956) in «Xigubo», 2.ª ed., Maputo, INLD, 1980, P 55.
- (3) «Ode à Teresinha» in «Karingana wa karingana», 2.ª Ed., Maputo, INLD, 1982, p. 98.
- (4) «Mulata Margarida» (1959) in «Xigubo», p. 41.
- (5) Tristan Tzara, «O grande poeta actual de Moçambique», in «A Voz de Moçambique» N.º 112, 18/1/64, p. 10.
- (6) «Ao meu belo pai ex-emigrante», in «Karingana wa karingana», p. 107.
- (7) Michel Leiris, «Raça e civilização».
- (8) José Craveirinha, «O homem de cor», «O Brado Africano», N.º 1543, 16/4/55, p. 2.
- (9) «Latitude zero» in «Karingana wa karingana», p. 156.
- (10) «Manifesto» in «Xigubo», 2.ª ed., Maputo, INLD, 1980, p. 33.
- (11) Fátima Mendonça, «O conceito de nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira».
- (12) «Maria Sente» in «Karingana wa karingana», 2.ª ed., Maputo, INLD, 1982, p. 62.
- (13) «Tempo de Ruskas» in «Cena I», 1.ª ed., INLD, Maputo, 1980, p. 87.
- (14) Alfredo Margarido, «Estudos sobre as literaturas das nações africanas de Língua Portuguesa», 1.ª ed., Lisboa, área do jogo, (1980).